



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
MATERNIDADE ESCOLA
PROGRAMA DE ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE
MATERNO INFANTIL**



CAROLINA RODRIGUES ESTRELA

SAÍDA POSSÍVEL: O CAMINHO DA RESILIÊNCIA

Rio de Janeiro

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
MATERNIDADE ESCOLA
PROGRAMA DE ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE MATERNO INFANTIL**

CAROLINA RODRIGUES ESTRELA

SAÍDA POSSÍVEL: O CAMINHO DA RESILIÊNCIA

Monografia do Curso de Especialização em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil da Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil.

Orientador: Marisa Schargel Maia

Rio de Janeiro

2017

Es883 Estrela, Carolina Rodrigues

Sáida possível: o caminho da resiliência/Carolina Rodrigues Estrela. --
Rio de Janeiro: UFRJ / Maternidade Escola, 2017.
31f. ; 31 cm.

Orientadora: Marisa Schargel Maia

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) -Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Maternidade Escola, Atenção Integral à Saúde Materno
Infantil, 2017.

Referências bibliográficas: f. 28

1. Resiliência. 2. Desenvolvimento Infantil. 3. Trauma.4. Saúde Materno
Infantil – Monografia. I.Maia Marisa Schargel. II. Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Maternidade Escola, AISMI. III. Título.

SAÍDA POSSÍVEL: O CAMINHO DA RESILIÊNCIA

Autora: Carolina Rodrigues Estrela

Orientador: Marisa Schargel Maia

Monografia do Curso de Especialização em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil na Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil.

Rio de Janeiro, 21 de Julho de 2017.

Orientadora - Profa. Dra Marisa Schargel Maia

Avaliador – Profa. Dra Marcia Merquior

“Da lama nasce a flor de lótus”

Mantra budista

AGRADECIMENTOS

Gratidão à todos os encontros com que a Vida me presenteia.

RESUMO

ESTRELA, Carolina Rodrigues. **Saída possível: o caminho da resiliência.** Trabalho de conclusão de curso (Especialista) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Materno-Infantil, Rio de Janeiro, 2017.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conceito de resiliência proposto por Boris Cyrulnik. Além de estudar os principais conceitos presentes na formulação dessa teoria e ao fim propor algumas recomendações para profissionais que atuam com crianças traumatizadas e suas famílias.

Apresenta o trabalho de resiliência a partir da formação do temperamento dentro das interações pré-verbais do bebê com o meio, apontando assim a importância do mesmo desenvolvimento infantil saudável. Dentro dessa análise aborda o conceito de apego seguro, proposto por John Bowlby.

Analisa o conceito de trauma como agressão e ruptura no processo de desenvolvimento e seus aspectos subjetivantes e desubjetivantes, para assim pensar como a agressão pode ou não se caracterizar como trauma para o sujeito, levando em consideração seu temperamento e a forma como o meio pode interferir na elaboração do trauma.

A partir dessa discussão comenta-se brevemente a situação de precariedade vivida pelas crianças na cidade do Rio de Janeiro e no mundo. E então se discorre sobre alguns fundamentos necessários para o processo de reparação da ferida traumática: como a importância da capacitação dos profissionais para trabalhar com crianças traumatizadas, sua função enquanto tutores de resiliência, o papel do Estado e da família enquanto provedores das necessidades básicas da criança, e também pensar um lugar de expressão e afetação positiva para essas crianças.

Palavras-chave: Resiliência. Desenvolvimento Infantil. Trauma.

ABSTRACT

The present work has the objective to analyze the concept of resilience proposed by Boris Cyrulnik. In addition to studying the main concepts present in the formulation of this theory and to propose some recommendations for professionals who work with traumatized children and their families.

It presents the work of resilience from the formation of temperament within the pre-verbal interactions of the baby with the environment, thus pointing to the importance of the environment in healthy child development. Within this analysis he approaches the concept of secure attachment proposed by John Bowlby.

It analyzes the concept of trauma as aggression and rupture in the development process and its subjectivating and desubjectivizing aspects, in order to think about how aggression may or may not be characterized as trauma to the subject taking into account their temperament and the way the medium interferes in the elaboration Of trauma.

From this discussion we briefly comment on the situation of precariousness experienced by children in the city of Rio de Janeiro and in the world. And then there are some fundamentals needed for the traumatic wound repair process: such as the importance of training professionals to work with traumatized children, their role as resilient guardians, the role of the State as a provider of the child's basic needs, and Of their family and also think a place of expression and positive affectation for these children.

Key words: Resilience. Child Development.Trauma

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	RESILIÊNCIA	12
3	TRAUMA.....	21
4	RECOMENDAÇÕES PARA PROFISSIONAIS	25
	REFERÊNCIAS	31
	ANEXO A – Carta do Professor	29

INTRODUÇÃO

Estudar o desenvolvimento do ser humano, um ser tão complexo e plural é uma jornada de muitas possibilidades. Essa complexidade permite pensar o humano pelo plano social, econômico, biológico, psicológico e de todas as variantes que essas e outras combinações permitem. Penso que estudar o desenvolvimento humano é um convite a infinitas possibilidades.

Meus estudos na Especialização em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil, na Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ampliaram meus conhecimentos acerca do desenvolvimento humano. Como também a minha prática clínica com bebês e suas mães que me permitem analisar que mesmo em situações comuns e previamente planejadas, os acontecimentos que envolvem a experiência humana podem surpreender e apresentar situações que escapam do esperado.

Foi com base nessa questão que me perguntei: E quando algo dá errado? O que fazer diante de uma situação catastrófica que escapa ao nosso controle? Como retomar a linha de tempo normal do desenvolvimento de uma criança após uma experiência traumática que pode ter gerado uma ruptura na sua experiência subjetiva?

Uma vez ouvi de uma profissional que eu admiro e me inspiro, que se eu não acreditasse na capacidade que o ser humano tem de mudar, de se reinventar e de se refazer eu não poderia trabalhar com pessoas. É por acreditar nisso, e por querer facilitar esse processo, que nasceu em mim o desejo de estudar possibilidades de se reinventar. E foi a partir da escuta delicada e cuidadosa da minha orientadora Marisa Schargel Maia que cheguei ao conceito de resiliência.

Pensar a retomada do fluxo de desenvolvimento infantil após uma experiência traumática é o objetivo geral desse trabalho. As possibilidades são múltiplas, mas o caminho que resolvemos explorar nesse escrito é o processo de reparação, proposto por Boris Cyrulnik, chamado trabalho de resiliência.

Para o Neuropsiquiatra, Psicólogo, Psicanalista e Etologista francês Boris Cyrulnik (1937) o trabalho de resiliência seria: “Fazer um projeto para distanciar o passado, metamorfosear a dor do momento para torná-la uma lembrança gloriosa ou divertida” (CYRULNIK, 2004. p.11). Dessa forma, o objetivo específico deste trabalho é analisar o conceito de resiliência proposto pelo autor.

Para entender o conceito de resiliência o autor propõe que sejam abordados três planos. O primeiro:

A aquisição de recursos internos impregnados no temperamento, já nos primeiros anos, no decorrer das interações precoces pré-verbais, explicará a maneira de reagir diante das agressões da existência, estabelecendo tutores de desenvolvimento mais ou menos sólidos (CYRULNIK, 2004, p.117).

Sendo assim, para o estudo da resiliência é importante compreender o processo de aquisição dos recursos internos, pois eles permitirão que, diante de uma situação traumática, a criança não se deixe sucumbir e pelo contrário, que ela seja capaz de metamorfosear a sua dor.

Segundo Cyrulnik (2004, p. 6) a aquisição de recursos internos permite moldar o temperamento do bebê e é a partir desse temperamento que ele vai poder tecer a sua resiliência. Então no Capítulo I buscaremos compreender a formação desse temperamento e a sua função no processo de resiliência.

Para Cyrulnik (2004, p. 7) “Quando o temperamento tiver sido bem formado pelo apego seguro de um lar parental tranquilo, a criança, em caso de sofrimento, terá se tornado capaz de sair em busca de um substituto eficaz”. Em caso contrário o autor nos diz “Mas, se o temperamento tiver sido desorganizado por um lar parental infeliz, se a cultura fizer as vítimas se calarem e as agredir mais uma vez, e se, a sociedade abandonar as crianças que ela considerar perdidas, então os traumatizados conhecerão um destino sem esperança” (CYRULNIK, 2004, p.8).

Dessa forma, compreender o lar, ou seja, o meio no qual aquela criança se desenvolve é importante para o estudo da resiliência. Então para compreender a formação do temperamento, à luz da teoria da resiliência, se faz necessário compreender o conceito de apego seguro. Ainda no Capítulo I vamos apresentá-lo segundo o Psicólogo, Psiquiatra e Psicanalista britânico John Bowlby (1907–1990), onde buscaremos relacionar o referido conceito com o processo de construção de resiliência.

Tendo compreendido como o temperamento pessoal é construído e que é este que explicará a maneira de agir diante de um trauma, passaremos a estudar a estrutura da agressão, que será apresentada no Capítulo II como Trauma. O segundo plano sobre o estudo da resiliência consiste em:

A estrutura da agressão explica os estragos do primeiro golpe, o ferimento ou a falta. Mas o significado que esse golpe irá adquirir mais tarde na história do ferido e em seu contexto familiar e social é que irá explicar os

efeitos devastadores do segundo golpe, aquele que produz o traumatismo (CYRULNIK, 2004, p.8).

Cyrulnik (2004) vai falar da irreversibilidade do trauma. Pode-se reparar o trauma e fazer-se melhor do que era antes, ou não. Mas não é possível ser quem se era antes.

A partir disso, ele vai falar da diferença do trauma antes e depois que a criança adentra o mundo da fala. Ao mesmo tempo em que isso traz mudanças na concepção do trauma, para o autor, não há uma ruptura entre o mundo pré-verbal e o do discurso, mas sim uma continuidade que pode ser transformada através da fala.

É a partir da metáfora da metamorfose da borboleta que Boris Cyrulnik vai explicar o processo de reelaboração do trauma no trabalho de resiliência.

O autor vai então explorar a estrutura da agressão (trauma) a partir do significado cultural que o trauma adquiri. Evidenciando que o temperamento do sujeito e a cultura no qual ele está inserido irão atribuir ao fato, seu caráter traumático.

O meio no qual a criança está inserida também vai ser fator importante para que ela possa encontrar saídas positivas e assim não sucumbir diante do trauma. Segundo o autor: “Se o entorno permitir que a parte sadia de sua personalidade se expresse e retome seu desenvolvimento, o ferimento se reduzirá [...]” (CYRULNIK, 2004. p.172).

Essa compreensão nos permite pensar o trauma para além do evento traumático, entendendo que seus desdobramentos carregam aspectos biológicos (o temperamento do sujeito) e sociais (a forma como a cultura compreende e trata aquele fato). Segundo Maia (2005, p. 94):

A vivência traumática não comporta sentido em si. Será a partir dos afetos desencadeados pelo trasbordamento de excitações que o psiquismo buscará soluções possíveis: aquilo que se configura como dor ganhará “significância” ou não, mediante um desdobramento do psíquico frente ao impacto do traumático. Este terá seu desfecho definido em uma complexa rede intersubjetiva em que estarão implicados tanto aspectos intra quanto intersíquicos.

Dessa forma, vamos discorrer brevemente sobre o trauma na obra psicanalítica abordando seus aspectos estruturantes e desestruturantes, evidenciando a singularidade que este tem na estrutura psíquica de cada sujeito.

Tendo a criança sofrido o trauma, como facilitar o seu trabalho de resiliência? O que dispor em torno dos prejudicados? Como e quem pode ajudar? Vamos buscar responder esses questionamentos à luz da teoria de Cyrulnik.

Para o autor “finalmente, a possibilidade de encontrar lugares de afeto, de atividades e de palavras que a sociedade dispõe, às vezes, em torno do ferido oferece os tutores de resiliência que lhe permitirão retomar um desenvolvimento inflectido pelo ferimento” (CYRULNIK, 2004, p.7). Por isso no Capítulo III vamos discorrer sobre alguns fundamentos necessários para o processo de reparação da ferida traumática.

Para isso analisaremos a importância de um profissional capacitado para o trabalho com crianças traumatizadas para que esse seja um potente tutor de resiliência no processo de reparação daquela criança.

Analisaremos também o papel do Estado enquanto provedor das necessidades básicas para que possa ser feito um trabalho efetivo no sentido de garantir qualidade de vida para aquela criança e sua família.

Vamos analisar brevemente a situação das crianças no Brasil e no mundo. E a partir disso, pensar um trabalho possível para a retomada do desenvolvimento saudável de crianças que sofreram algum tipo de trauma.

Ao final do trabalho, vamos discutir um lugar de expressão que vise facilitar o trabalho de resiliência, um espaço onde a criança encontre uma rede de afetação positiva e tutores de resiliência capazes de auxiliá-la no seu processo.

RESILIÊNCIA

“Gerar uma criança não é suficiente, é preciso pô-la no mundo” (CYRULNIK, 2004).

Resiliência é um termo que tem origem na Física e significa “Propriedade de um corpo de recuperar a sua forma original após sofrer choque ou deformação” (Dicionário Aurélio Online). O termo foi incorporado ao campo da Saúde e das Ciências Sociais para buscar compreender a capacidade que o homem tem de se recuperar de uma experiência traumática.

Admitindo que, ao contrário dos corpos da Física, o homem não tem a capacidade de voltar a ser exatamente o que era antes de um choque, no campo da Psicologia o estudo da resiliência nos ajuda a compreender os processos de reparação que o sujeito pode empreender para se refazer diante das adversidades da vida.

Para compreender esse processo vamos abordar a teoria da resiliência proposta por Boris Cyrulnik (1917). Para o autor, a resiliência seria a capacidade de metamorfosear a dor e não se deixar arruinar diante de um episódio traumático. Para compreender sua teoria, estudaremos como a construção da resiliência se constitui e quais fatores estão presentes nesse processo que visa à retomada do desenvolvimento.

Entendendo que o trauma sofrido constitui-se como uma fenda no desenvolvimento do sujeito e que, por essa razão, não é possível voltar ao que se era antes do evento traumático, vamos apontar possibilidades de se restabelecer e retomar um desenvolvimento saudável.

Ao falar do desenvolvimento infantil, Cyrulnik vai considerar a criança como uma esponja afetiva, isso significa dizer que a criança tem a capacidade de absorver tudo àquilo que se passa em seu entorno. Por isso, o meio no qual a criança se desenvolve tem grande importância para a constituição do sujeito, impactando diretamente na sua saúde física e psíquica.

Admitindo o ser humano como um ser total, ou seja, capaz de se fazer e refazer na medida em que existe, o meio torna-se o terreno dessa construção, e é nessa dinâmica que o sujeito vai adquirir os meios internos necessários para que o trabalho de resiliência aconteça.

Segundo Cyrulnik (2004, p. 35): “Quando os estímulos biológicos respeitam os ritmos do bebê, eles permitem o aprendizado dos comportamentos de tranquilização. Mas, quando o desespero materno esvazia o entorno do bebê ou lhe infunde as moléculas do estresse, ele pode aprender a se entorpecer ou a se tornar frenético.”Vemos que o meio influencia não só o desenvolvimento psíquico, mas também o físico, programando de forma fisiológica nossa reação para os eventos da vida, desde a nossa concepção.

Somos seres biológicos e sociais. Dessa forma os acontecimentos históricos também são capazes de influenciar o desenvolvimento do sujeito. Para Cyrulnik (2004):

A história da mãe, suas relações atuais ou passadas, participam assim da constituição dos traços de temperamento da criança [...] o recém-nascido humano é apanhado por um mundo em que a sensorialidade já está historizada. É nesse mundo que ele terá que se desenvolver (CYRULNIK, 2004, p.35).

Ou seja, o ambiente fisiológico em interação com a história de vida dos pais e suas representações sobre o bebê formará o temperamento daquele indivíduo.

Para o autor: “Todo bebê adquire seu temperamento, seu tipo comportamental, sob efeito de uma dupla força. A pulsão genética lhe dá um impulso para o outro, mas é a resposta do outro que lhe confere um tutor de desenvolvimento” (CYRULNIK, 2004, p. 87). O temperamento, para o autor, seria então o resultado da combinação entre genética e ambiente. Sendo o ambiente o responsável por fornecer ao bebê os tutores de desenvolvimento e são esses sujeitos que vão permitir à criança tecer a sua resiliência.

Os tutores de desenvolvimento oferecidos por uma rede de afetação positiva tornam possível a instalação dos tutores de resiliência que mais tarde irão permitir que o fluxo vital, bloqueado pelo trauma, possa retomar seu curso.

O desenvolvimento humano se dá na relação: ambiente – sujeito. Neste trabalho entendemos o ambiente como o lar parental onde o sujeito se desenvolve. E os responsáveis por criar esse ambiente são aqueles que exercem as funções parentais.

O autor vai trabalhar com o modelo de família triangular mãe-bebê-pai, no entanto, entendemos que esse modelo é apenas um dentre todos os modelos familiares possíveis na nossa sociedade atual. Dessa forma, nesse estudo vamos trabalhar com os termos função materna e função paterna (funções parentais),

entendendo estas funções como sendo estruturantes para o desenvolvimento do bebê e que são exercidas pelas principais figuras responsáveis pelo cuidado do bebê que podem ser, ou não, seus pais biológicos. Sobre o triângulo parental, que forma o ambiente sensorial do bebê, o autor vai dizer:

Ora, em seu primeiro mundo ele (o bebê) percebe um gigante sensorial, uma base de segurança que chamamos de 'mãe', em torno da qual gravita outra base menos prenante que chamamos 'pai'. É nesse triângulo que todo recém-nascido recebe as primeiras marcas do meio e descobre quem ele é graças aos primeiros atos que efetua nesse meio (CYRULNIK, 2004, p.40).

As representações que cada um dos atores do triângulo parental tem do bebê formam o meio sensorial, sendo assim podemos falar de uma sensorialidade historizada, uma vez que esse meio é composto por indivíduos que trazem consigo a sua própria história de vida.

O comportamento daqueles que cercam a criança constituem uma sensorialidade material que dispõe em torno da criança alguns tutores, ao longo dos quais ela terá de se desenvolver, ou seja, o bebê se desenvolve a partir de um entorno sensorial que está disponível para ele e esse entorno é construído, segundo o autor, pela expressão comportamental das representações de suas figuras parentais. Cabe então aos adultos "Disporem em torno da criança os circuitos sensoriais e sensados que lhe servirão de tutores de desenvolvimento e lhe permitirão tecer sua resiliência" (CYRULNIK, 2004, p.30).

Esse campo sensorial que envolve a criança também a molda. Segundo Cyrulnik (2004, p. 160) "O que molda uma criança é a bolha afetiva que a envolve no dia-a-dia e o sentido que seu meio atribui aos acontecimentos. É isso que destrói uma criança ou tece a sua resiliência."

As representações desses atores tem um efeito modelador no temperamento do bebê. Um lar parental tranquilo que apresenta representações positivas sobre o bebê o permite construir um temperamento, um estilo comportamental saudável. É esse temperamento bem formado que vai permitir à criança lançar mão de seus recursos internos diante de uma situação traumática catastrófica, e assim encontrar um substituto eficaz que a ajude a retomar o seu desenvolvimento.

Caso a criança não tenha a sua disposição figuras parentais que as ofereça um ambiente seguro, o seu desenvolvimento não se dará de forma saudável. E isso

implica dificuldades de encontrar substitutos afetivos nos seus processos de reparação diante dos traumas da vida.

A maneira de agir diante das agressões da vida é determinada pelo temperamento do sujeito. Esse temperamento é formado durante as interações precoces pré-verbais e se constrói na relação com as figuras parentais dentro de um ambiente que ofereça um apego seguro. Essa forma de analisar o temperamento se traduz pelo conceito cunhado pelo autor: temperamento sensado.

Segundo Cyrulnik, (2004, p. 29) “Se admitimos que um objeto, um comportamento ou uma palavra adquire um significado que depende de seu contexto, então esse temperamento é sensado!” O modelo de temperamento proposto pelo autor busca unir a biologia e a história para explicar como as crianças constroem seu temperamento. E como esse temperamento se constitui como resposta às adversidades da vida.

Segundo Cyrulnik (2004, p. 48) “o início da vida psíquica é organizado por um modelo operacional interno (MOI), uma maneira preferencial de tratar as informações e responder a elas.” O autor vai usar esse conceito para explicar a formação do temperamento no bebê. O MOI seria então a maneira de abordar o desenvolvimento do apego, como uma forma de compreender como o bebê responde aos estímulos e como ele forma o seu temperamento.

Para o autor:

Assim que o impulso psicossensorial surge no feto, assim que o organismo se torna capaz de produzir uma representação biológica, de fazer voltar à memória uma informação passada, o bebê se impregna das características predominantes de seu meio, aprende-as, incorpora-as. A partir de então, o início de sua vida psíquica é organizado por um modelo operacional interno (MOI), uma maneira preferencial de tratar as informações e responder a elas. Mas essa preferência já é uma marca do meio, uma memória curta, um aprendizado. Mal é empurrado para a vida psíquica por sua biologia, o bebê aprende preferencialmente o que seu meio o ensinou a preferir! (CYRULNIK, 2004, p.48).

O MOI é então a organização que o bebê cria em resposta ao meio, levando em conta as representações que o ambiente faz dele, através da sua relação com as figuras parentais. Estamos falando então de um temperamento biologicamente e historicamente construído a partir dessa relação.

Uma das grandes riquezas encontradas na teoria da resiliência proposta por CYRULNIK (2004), é justamente a importância da dimensão relacional intersubjetiva para que o processo de resiliência ocorra. No encontro com o outro o processo pode

se iniciar e se desenrolar de forma que aquela criança seja capaz de se reerguer e encontrar uma vida menos sofrida. É a partir do encontro que o adulto poderá apresentar outro tutor de desenvolvimento e outra maneira de se apegar e isso permitirá à criança a retomada do seu desenvolvimento.

Sendo o ser humano esse sujeito que se forma em relação, o processo de resiliência ocorre a partir desse mesmo princípio. Ele ocorre no encontro com o outro. É preciso apenas que o outro esteja disponível para que esse processo ocorra. O autor nos diz que:

Isso permite afirmar que uma criança não é resiliente sozinha. Precisa encontrar um objeto que convenha a seu temperamento para se tornar resistente. Tanto que é possível ser resiliente com uma pessoa e não com outra, retomar o desenvolvimento em um meio e sucumbir em outro. A resiliência é um processo constantemente possível, contanto que a pessoa em desenvolvimento encontre um objeto significativo para ela (CYRULNIK, 2004, p.71).

E em cada etapa do desenvolvimento os processos de resiliência devem ser renegociados, uma vez que a criança vai criando em sua vida psíquica estratégias para lidar com as adversidades. Para Cyrulnik (2004, p.77) “os tutores de resiliência, portanto, mudam de natureza: sensoriais no bebê, tornam-se rituais na idade da creche e se metamorfoseiam com o surgimento da fala.”

Antes da fala, a criança ainda está adquirindo seus recursos internos que a tornará capaz de tecer sua resiliência, nesse período ela está moldando seu temperamento.

Depois que a criança adentra o mundo da fala, ela se torna capaz de representar sua vida psíquica através da fala e mecanismos de defesa já se constituem em sua vida psíquica. A partir de operações mentais ela consegue diminuir o mal-estar provocado pelo trauma. Segundo Cyrulnik (2004, p. 116): “O simples ato da fala cria uma separação que nos faz existir como sujeito cuja maneira de interpretar o mundo é pessoal e única.”

O autor propõe a ideia de que “a aprendizagem de um apego seguro facilitará a retomada da tecedura da resiliência após a ruptura da agressão” (Idem). Por esse razão, vamos agora estudar brevemente o conceito de apego seguro.

Apego Seguro

Edward John Mostyn Bowlby (1907-1990) foi um psicólogo, médico psiquiatra e psicanalista de origem inglesa. Ele quem criou o conceito de apego seguro. Compreender esse conceito é uma forma de compreender a influência do meio no desenvolvimento daquilo que Cyrulnik chama temperamento e o que Bowlby vai chamar de personalidade.

Segundo Bowlby: “Acumulam-se evidências de que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolver melhor seus talentos quando estão seguros de que, por trás deles, existem uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades” (BOWLBY, 2015, p.139). Essas pessoas serão chamadas “figuras de ligação”, serão elas as responsáveis por criar um ambiente seguro e oferecer um apego seguro ao bebê.

Segundo o mesmo autor, assim como para Cyrulnik (2004), é nesse estágio inicial do desenvolvimento que a criança vai moldar o seu temperamento (Cyrulnik) / estruturar sua personalidade.

Para Bowlby (2015) o funcionamento da personalidade se estrutura em dois conjuntos principais de influências. Importante pontuar que esses dois momentos interatuam, ou seja, um coexiste com o outro de forma que eles estão sempre se relacionando em um fluxo contínuo. É a partir da interação desses conjuntos que a personalidade vai emergir.

O primeiro conjunto seria o conjunto das influências externas e ambientais onde a presença ou ausência de uma figura de confiança é que oferece o tipo de base segura necessária para cada fase do ciclo vital. Já o segundo conjunto, seria o conjunto das influências internas que fala da capacidade ou incapacidade de um indivíduo em reconhecer quando uma pessoa é digna de confiança e, caso haja essa capacidade, trata-se também da sua capacidade de colaborar com essa pessoa.

A formação e interação desses conjuntos quando estabelecidos vão persistir ao longo do desenvolvimento daquele sujeito. Por essa razão Bowlby (2015, p. 140) vai colocar que:

O tipo de experiência que uma pessoa tem, especialmente durante a infância, tem uma grande influência sobre o fato de ela esperar ou não encontrar mais tarde uma base pessoal segura, e também sobre o grau de competência que possui para iniciar e manter relações mutuamente gratificantes, quando a oportunidade se oferece.

A estruturação da personalidade, ou seja, a forma como a criança interage com as figuras de apego, refletem na formação de sua personalidade. Uma personalidade saudável é aquela capaz de colaborar e reconhecer uma figura de apego e também saber trocar de lugar quando necessário, funcionando de base segura para o outro.

Já o seu oposto seria uma personalidade perturbada, onde o sujeito apresenta uma capacidade reduzida de reconhecer e colaborar. Essa personalidade aparece sob a forma de: “apego ansioso, exigências excessivas ou muito intensas para a idade e para a situação, não envolvimento indiferente e independência desafiadora” (BOWLBY, 2015, p.141).

O mesmo autor vai apresentar a teoria dos modelos operacionais para explicar como a personalidade é construída com base biológica e ambiental. Para isso, ele vai se diferenciar da teoria psicanalítica em vários aspectos. Para este estudo vamos apresentar a diferença que mais dialoga com a teoria da resiliência de Boris Cyrulnik.

A primeira delas seria: “A substituição dos conceitos de “dependência” e “independência” pelos conceitos de ligação, confiança, segurança e autoconfiança.” (BOWLBY, 2015, p. 153). Os conceitos propostos por Bowlby podem coexistir, ao passo que os termos da psicanálise clássica são excludentes. Ou seja, o sujeito pode ter confiança no outro e também ser autoconfiante.

E é nessa relação de confiança no ambiente que o sujeito vai tecer sua resiliência. É preciso que o sujeito tenha inculcado nele um temperamento capaz de confiar no outro, para que, no caso de uma ruptura traumática, o ambiente possa oferecer um tutor de resiliência e o sujeito possa aceitá-lo.

A segunda seria:

A substituição da teoria da oralidade derivada da teoria dos objetos internos por uma teoria de modelos operacionais do mundo e do eu, os quais são concebidos como sendo construídos por cada indivíduo em resultado de sua experiência, determinam suas expectativas, e com base nos quais o indivíduo traça seus planos (BOWLBY, 2015, p. 153).

Ao adotar esse modelo, o autor privilegia o ambiente na formação da personalidade desse sujeito trazendo as experiências reais, ou seja, o contato com o outro durante a infância, um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento saudável do sujeito.

Bowlby (2015) postula o apego como mecanismo básico do ser humano, isso quer dizer que se trata de um comportamento biologicamente programado. Ou seja, o bebê possui uma capacidade inata de formar vínculos. Tendo o bebê encontrando um ambiente que acolha e estimule esse comportamento ele desenvolverá um apego seguro, no entanto se o ambiente não acolher devidamente sua necessidade de vínculo, esse apego apresentará outras formas, como as descritas por Mary Ainsworth (1940. Apud. Cyrulnik, 2004) em seu estudo sobre o sistema de organização do apego do bebê em relação às figuras de apego. Ela classificou os diferentes tipos de apego, como: assegurador, evitador, ambivalente e desorganizado. Assim, a forma como o apego se organiza no bebê vai dizer do estilo comportamental que esse bebê vai apresentar e tecer sua resiliência.

Cyrulnik (2014) e Bowlby (2015) chamam a atenção para as figuras que exercem o apego, uma vez que são esses quem criam um ambiente seguro, essas figuras são consideradas decisivas no desenvolvimento saudável do indivíduo. Para Cyrulnik (2004) “A figura do apego (mãe, pai ou qualquer pessoa que cuide regularmente do bebê), além de sua função de proteção, permite o estabelecimento de um estilo de desenvolvimento emocional e induz uma preferência de aprendizagem” (CYRULNIK, 2015, p.50).

Para Bowlby:

A principal variável para a qual chamo a atenção é o grau em que os pais de uma criança lhe fornecem uma base segura e a estimulam a explorar a partir dessa base. Nesses papéis, o desempenho dos pais varia segundo vários parâmetros, dos quais o mais importante, porque permeia todas as relações, talvez seja o grau em que os pais reconhecem e respeitam o desejo e a necessidade que a criança tem de uma base segura, e ajustam o seu comportamento a isso (BOWLBY, 2015, p.179).

Essa relação bebê-figura de apego vai predizer a relação que esse sujeito terá na sua vida, inclusive diante das adversidades da vida. Por isso, cabe a essas figuras a responsabilidade pelo cuidado com as crianças.

Sendo o apego uma atitude natural do ser humano torna-se direito de toda criança gozar de um ambiente seguro. Cabendo assim a toda sociedade responsabilizar-se pelo desenvolvimento saudável de uma criança, protegendo-a e cuidando dela e do seu ambiente.

Uma vez tendo vivido a experiência de um apego seguro e desenvolvido a capacidade de reconhecer no outro uma figura de apego, em caso de uma ruptura

catastrófica do seu desenvolvimento, esse indivíduo terá a chance de se refazer e não sucumbir diante desse fato catastrófico.

Vamos passar agora ao estudo do trauma e seu significado na vida e no desenvolvimento do sujeito.

TRAUMA

“A borboleta que rastejava no espaço aéreo não tem mais nada a compartilhar com a lagarta que rastejava no chão” (Cyrulnik, 2004).

Cyrulnik (2004) usa a metamorfose da borboleta como metáfora para explicar o processo de tecedura da resiliência. A lagarta seria o bebê que ainda não possui a fala e que rasteja para descobrir o mundo. Mas ao se tornar borboleta e voar, ela descobre um novo mundo, que seria o bebê adentrando o mundo da fala e conseqüentemente adentrando o mundo das representações.

Enquanto lagarta, o bebê habita o mundo das representações que o adulto tem sobre ele, o olhar do adulto sobre o bebê desempenha um papel fundamental na constituição desse bebê enquanto sujeito, uma vez que esse olhar é capaz de modificar os comportamentos que são dirigidos às crianças.

Podemos aqui pensar o papel do profissional que atua diretamente no contato mãe-bebê. Como o olhar que ele lança para o binômio pode constituir uma experiência positiva ou negativa para aquela relação.

Uma mãe que, por exemplo, acha seu filho prematuro frágil, tende a não manipulá-lo, não tocá-lo. No entanto, sabemos que o toque é essencial ao ser humano. Segundo Montagu (1988):

Os clássicos trabalhos sobre separação materno-filial de [...] todos publicados entre 1943 e 1957, chamaram a atenção para os efeitos indesejáveis da privação materna e, embora na maioria dos casos mal se tivesse feito referência ao tocar, é muito claro em cada uma dessas pesquisas que um componente principal de produção de todos esses efeitos negativos sobre a criança era a falta de contato com a mãe (p.199).

Sendo assim, o profissional que puder olhar para essa mãe e souber valorizar e encorajar que ela toque o próprio filho mudará a forma que aquela mãe olha e se comporta diante do seu filho prematuro. Agindo assim, esse profissional estará oferecendo novos tutores de desenvolvimento para esse bebê, ajudando-o dessa forma no seu processo de construção de resiliência.

É ainda com a metáfora da borboleta que Cyrulnik (2004) vai apresentar a teoria do trauma, para ele “A ideia de metamorfose é indispensável a toda teoria do trauma” (p.116).

O autor vai abordar a questão do trauma em relação à presença ou não da fala do sujeito e como isso interfere no processo de tecedura da resiliência. Para ele: “Antes de chegar à fala, as crianças pequenas tecem involuntariamente sua resiliência entre uma pulsão biológica que se enlaça com as reações dos adultos. Os primeiros anos constituem um período sensível da construção dos recursos internos de resiliência” (CYRULNIK, 2004, p.113).

Nessa fase do desenvolvimento, em que o bebê ainda não fala, não podemos dizer que ele foi traumatizado, pois o bebê ainda não tem a capacidade de representar esse fato. Por isso o autor vai chamar de golpe os eventos ocorridos antes da fala. Esses golpes fariam alguma alteração no meio e isso poderia enterrar o bebê e seu desenvolvimento.

É a partir desses entraves e das representações dos adultos que o bebê vai formar aquilo que o autor chama de capital psicocomportamental e é esse capital que vai acompanhar o bebê quando ele começar a falar e a representar o mundo por si. Para Cyrulnik (2004, p. 114): “Portanto, não há ruptura entre o mundo pré-verbal e o de nossos discursos. Há uma continuidade metamorfoseada pela palavra.”

A fala inaugura o momento do sujeito de interpretar o mundo com sua própria visão, a partir dela a criança entra no mundo das representações, ou seja, ela se torna capaz de representar suas emoções e os traumas vividos. A partir da fala o bebê se inscreve na cultura e se torna capaz de simbolizar o mundo que vive dando significado aos acontecimentos. Segundo o autor: “O simples ato da fala cria uma separação que nos faz existir como sujeito cuja maneira de interpretar o mundo é possível e única” (CYRULNIK, 2004, p.116).

A fala cria a possibilidade da interpretação. Quando o sujeito interpreta o trauma, ele pode elaborar a situação traumática e assim contornar os seus efeitos e suas emoções. Por isso, a importância de oferecer um espaço de fala e principalmente de escuta daquele discurso traumático, pois quando a criança fala, ela elabora o trauma sofrido. Para o autor:

Quando uma criança passa a falar, seu mundo se metamorfoseia. A emoção, a partir de então alimenta-se em duas fontes: a sensação desencadeada pelo golpe recebido à qual se acrescenta o sentimento provocado pela representação do golpe. Isso que dizer que o mundo muda quando se passa a falar, e que falando é possível mudar o mundo (CYRULNIK, 2004, p.116).

O autor aborda o trauma como um processo que pode ter um destino traumático ou não, essa resposta ao trauma depende de aspectos biológicos

(temperamento da criança) e aspectos sociais (meio). Segundo Cyrulnik (2004, p.125): “O estilo de desenvolvimento da pessoa ferida é que atribui ao golpe seu poder traumatizante.”As vivências pré-verbais da criança e seu capital psicocomportamental vão predizer sua resposta diante do fato traumático. Segundo Maia (2005):

É interessante ressaltar que o que decidirá se determinado acontecimento se constituirá como traumático ou não é a relação de forças que se estabelecerá entre aquilo que invade o psiquismo de forma abrupta e o quantum de reserva de energia com que este poderá contar para lidar com o fator desestabilizante (MAIA, 2005, p.101).

Não só o temperamento, mas também o meio tem grande influência sobre o destino que determinado trauma irá significar para o sujeito. Segundo Maia (2005, p. 25): “[...] é relevante a implicação do meio nos desdobramentos da experiência traumática: a impossibilidade de que se constitua uma rede de afetação positiva entre o sujeito que viveu o trauma e o mundo é fundamental pra seu desfecho patológico.”

O trauma não constitui por si só um desfecho traumático, ele comporta seu aspecto dessubjetivante que, segundo Maia (2005, p. 95) “se apresenta pela violação: campo de dor sem possibilidade de mediação” Podendo apresentar também um aspecto subjetivante ou positivado que seria: “aquilo que deflagra no eu, “[...] um processo de transformação e criação que desembocará nos diversos modos de subjetivação” (Maia, 2005, p.114).

Quando falamos de resiliência não falamos de um estado imutável, mas sim de um estado variável, ou seja, os sujeitos respondem de maneira diferente aos diferentes tipos de trauma. Em alguns casos, o sujeito será capaz de se refazer diante do trauma, em outros ele pode vir a sucumbir diante da situação.

O trauma é uma experiência que rompe com algo, dessa forma não é possível retornar ao estado inicial, é isso que o autor vai chamar de irreversibilidade do trauma. No entanto, o trauma não encerra o sujeito, é possível refazer-se a partir do trabalho de resiliência e assim conseguir recuperar a qualidade de vida diante de um trauma. Para Cyrulnik (2004):

A metáfora da tecedura da resiliência permite dar uma imagem do processo da reconstrução de si mesmo. Mas é preciso ser claro: não há reversibilidade possível depois de um trauma, há uma pressão para a metamorfose. Um ferimento precoce ou um grave choque emocional deixam um traço cerebral e afetivo que permanece dissimulado sob a retomada do desenvolvimento. O tecido portará uma lacuna ou uma malha particular que irá alterar a continuação da tecedura. Poderá se tornar um tecido bonito e

quente, mas será diferente. O distúrbio é reparável, às vezes até para melhor, mas não é reversível (CYRULNIK, 2004, p.113).

E aqui a sociedade tem um papel fundamental na reparação dos traumatizados. “A narração de um acontecimento como esse, fecha o arco de sua identidade, conhecerá destinos diferentes conforme os circuitos afetivos, historizados e institucionais que o contexto social dispõe em torno do ferido” (CYRULNIK, 2004, p.122).

Tendo compreendido a importância do contexto social no desdobramento no trauma e na retomada do desenvolvimento saudável da criança, vamos passar agora a relacionar o trabalho de resiliência com alguns dos principais problemas enfrentados por crianças hoje em dia.

RECOMENDAÇÕES PARA PROFISSIONAIS

“O mais precioso fator de resiliência: o encontro que estimula” (Cyrulnik, 2004).

Neste capítulo vamos elaborar algumas recomendações para profissionais que, no exercício de suas profissões, venham a entrar em contato com crianças que sofreram algum tipo de trauma no decorrer do seu desenvolvimento, como abuso sexual, violência urbana, extrema pobreza, violência psicológica, entre outras formas de abuso.

Os dados sobre a situação da infância no Brasil são alarmantes, segundo o relatório “Cenário da infância e adolescência no Brasil 2016” da Fundação Abrinq 18,8% das mortes por homicídios foram cometidas contra pessoas menores de 19 (dezenove) anos (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2016, p.17). O número 3.331.378 representa a quantidade de pessoas entre 5 (cinco) e 17 (dezesete) anos ocupadas no ano de 2014, ou seja, em plena idade escolar nossas crianças e adolescentes estão trabalhando.

O relatório Situação Mundial da Infância 2016 do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) aponta que essa não é uma realidade exclusiva do Brasil, mas sim, uma realidade mundial “Ao observar o mundo hoje, somos confrontados com uma desconfortável, mas inegável verdade: milhões de vidas infantis são prejudicadas sem nenhum motivo a não ser o país, a comunidade, o gênero ou as circunstâncias em que nasceram.” (UNICEF, 2016, p.1).

Dessa forma, olhar para a infância torna-se, hoje em dia, tarefa primordial nas mais variadas práticas como dentro dos campos da Saúde, Educação, Economia e tantos outros.

Assim como o relatório da Unicef (2016) que diz:

A boa notícia é que existem maneiras mais efetivas – e mais baratas – de alcançar as crianças, as famílias e as comunidades mais difíceis de serem alcançadas. Novas tecnologias, a revolução digital, maneiras inovadoras de financiar intervenções críticas e movimentos liderados por cidadãos estão ajudando a levar mudanças para os mais desfavorecidos. Investir nessas intervenções e iniciativas, e fomentar esses movimentos emergentes, vai render benefícios a curto e longo prazo para milhões de crianças e suas sociedades (UNICEF, 2016, p.1).

Neste trabalho também vamos buscar alternativas que apontem para a superação de alguns dos problemas enfrentados por nossas crianças, pois apostamos na humanidade e na potência do encontro com o outro como forma de mudar a vida das pessoas.

Cyrulnik (2004) ao apresentar sua teoria da resiliência nos dá esperança para o trabalho com crianças traumatizadas, pois, por mais que seu desenvolvimento tenha sido acometido por algo da ordem do traumático, o ser humano ainda assim apresenta capacidade de se refazer diante da adversidade. Cada um tem uma maneira de responder ao trauma (temperamento), mas ao dispormos aos feridos aquilo que Cyrulnik (2004) chama de “tutores de resiliência” o caminho para o trabalho da resiliência torna-se mais fácil.

O autor propõe que: “A elaboração do processo de resiliência externa deve ser contínua em torno da criança ferida. Seu acolhimento após a agressão constitui a primeira malha necessária, e não necessariamente verbal, para reatar o vínculo após o ferimento” (CYRULNIK, 2004, p.152). O encontro com o outro pode criar o vínculo que aquela criança necessita para que seja feito o seu trabalho de resiliência.

Dessa forma, o acolhimento que essa criança precisa encontrar após sofrer uma agressão, nos diz da importância de dispor em torno delas condições ambientais favoráveis para a elaboração do trauma e isso implica em profissionais capacitados para exercer seu papel de tutores de resiliência.

A família representa esse meio, onde a criança deverá encontrar maneiras favoráveis para elaborar suas questões. No entanto, quando até mesmo a família precisa ser cuidada junto com a criança, é responsabilidade das figuras que detenham a responsabilidade política, prover essas condições. Para Cyrulnik (2004, p. 152): “A segunda malha, mais tardia, exige que as famílias ou as instituições ofereçam à criança lugares em que ela produza suas representações do traumatismo.”

O trabalho de resiliência não se encerra no acolhimento, é necessário que a sociedade como um todo, acolha essa criança e que essas malhas sirvam de estrutura que possibilite esse trabalho. Para o autor: “A terceira malha, social e cultural, se elabora quando a sociedade oferece a essas crianças possibilidade de se socializar. Só resta então tecer sua resiliência durante o resto de sua vida” (CYRULNIK, 2004, p. 152).

A violência na cidade do Rio de Janeiro se assemelha a situação de países em guerra civil. O site de notícias G1 compara o número de mortes na cidade e na Síria, país que vive uma guerra civil atual: “As estimativas de população são semelhantes: no Rio, nos três primeiros meses de 2017, 1.867 pessoas morreram vítimas de homicídios, roubos, agressões e em operações policiais. Na Síria, neste mesmo período, 2.188 civis morreram em ataques e confrontos” (HYURI, 2017)

Essa situação, obviamente, atinge as crianças e adolescentes. Nas favelas do Rio é comum troca de tiros entre policiais, bandidos, milicianos e facções criminosas. Quando isso ocorre toda a comunidade é prejudicada e com elas as escolas. Em situações como essa, as escolas interrompem seu funcionamento para evitar a morte das crianças e dos seus funcionários. No entanto, nem sempre é possível evitar que notícias de morte de estudantes dentro da escola (!) chegam até nós.

No dia 30 de março de 2017 a estudante Maria Eduarda Alves Ferreira de 13 anos foi morta por tiro de bala de fuzil disparado por policiais dentro da própria escola. Esse fato chocou o país, mas infelizmente é uma cena que pode ser repetida a qualquer momento.

Um trecho da carta de um professora da escola que Maria Eduarda estudava expressa um pouco do sentimento que fica: “Com ela morreu seus sonhos e a esperança de diversas outras crianças, que experimentaram hoje o ódio e o desejo de vingança pela covardia sofrida” (A carta na íntegra encontra-se no Anexo A).

Como pensar o trabalho de resiliência com as crianças que (sobre)vivem em situações como essa? Cyrulnik (2004, p. 129) coloca que “Nenhum desses sofrimentos é irremediável, todos são transformáveis quando se oferecem tutores de resiliência. Isso não quer dizer que o tormento seja desprezível, porém, uma vez que ele existe, será preciso fazer alguma coisa dele, não se pode, afinal, ficar à mercê da desgraça!”.

É a partir desse questionamento e dessa fala que vamos propor algumas discussões sobre alguns dos fundamentos necessários para o caminho da resiliência.

O caminho para resiliência consiste em oferecer tutores de resiliência para que elas possam ser capazes de criar algo positivo a partir de sua experiência traumática – metamorfosear a dor. E os profissionais que acompanham essas crianças podem auxiliar nesse processo, a partir do momento que entendem seu papel de tutor de resiliência.

Cyrulnik (2004) coloca a importância de ser ter profissionais capacitados atuando junto a essas crianças. Para o autor: “Às vezes é preciso que alguns responsáveis passem por uma formação profissional para entrar no mundo dessas crianças difíceis e lhes permitam, apesar de tudo, produzir uma resiliência” (CYRULNIK, 2004, p.61).

O profissional deve estar disposto a articular seu mundo íntimo ao modo de apego da criança, pois é necessário ir até ao nível da criança para então poder alavancar seu desenvolvimento.

Algumas estratégias são apontadas pelo autor para facilitar o trabalho desses profissionais/tutores, como a maneira pela qual o profissional vai interpretar o discurso que a criança narra. Essa interpretação vai orientar a criança para o prazer da fala ou para o medo. A fala é um caminho para a elaboração do trauma, então o profissional deve proporcionar um espaço de escuta ativa onde essa fala possa ser respeitosamente acolhida.

Para metamorfosear a dor, as crianças podem usar mecanismos de defesa que para elas, naquele momento, são necessários, como: a negação; o isolamento; a fuga para frente; a intelectualização; e a criatividade. Segundo Cyrulnik (2004, p. 12) “Todos esses meios psicológicos nos permitem reintegrar o mundo quando fomos expulsos da humanidade[...]. Basta um só encontro para despertar a chama e voltarmos para o meio dos homens em seu mundo, palpável, saboreável e angustiante.”. O encontro com o profissional pode ser a chance que essa criança tem de voltar a integrar o mundo e compartilhar o seu mundo com os outros.

Para o autor:

Porém, se entendermos que um homem só se pode desenvolver tecendo-se com outro, então a atitude que ajudará os feridos a retomar um desenvolvimento deverá aplicar-se em descobrir os recursos internos impregnados no indivíduo, assim como os recursos externos dispostos em torno dele (CYRULNIK, 2004, p.16).

Dessa forma, o profissional pode empenhar-se em descobrir os recursos internos daquela criança, como uma busca pela linguagem interna dela, como uma forma de acessar o seu mundo íntimo. Isso pode ser feito através de recursos lúdicos, ou até mesmo encenando pequenas esquetes na tentativa de fazer aquela criança representar externamente o que se passa no seu interior.

Cyrulnik (2004) aponta que “Em caso de acidente, essas crianças são vulneráveis. Só podem tecer uma resiliência quando encontram adultos motivados e

formados para esse trabalho, o que depende essencialmente dos detentores das decisões políticas” (p. 62).

Tendo compreendido a importância do meio na elaboração do trauma, conforme discutido no capítulo anterior, vamos analisar o papel do Estado enquanto provedor das necessidades básicas que a criança ferida necessita.

A criança que se desenvolve dentro de um lar parental tranquilo, ao irromper um trauma, ela terá mais facilidade para tecer sua resiliência. No entanto, quando os pais não podem oferecer um apego seguro, é papel do Estado intervir e prover as condições básicas para esses feridos, segundo Cyrulnik (2004, p. 63) “Os detentores das decisões políticas podem não mais desesperar a família, reativando a economia ou criando instituições sociais e culturais capazes de oferecer outros tutores a essas crianças frágeis”.

É preciso compreender que uma criança ferida é um problema de toda a sociedade, por isso, todos os segmentos da sociedade devem empenhar-se em curar essas feridas e ajudá-las a tornar esse sofrimento algo positivo.

O trabalho de resiliência precisa de um longo tempo para acontecer e é preciso tratar não só o ferido, mas também o seu meio. Cyrulnik (2004, p. 7) diz que: “[...] implica necessariamente, nesse caso, tratar do entorno, agir sobre a família, combater preconceitos ou modificar as rotinas culturais, crenças insidiosas a partir das quais, sem perceber, justificamos nossas interpretações e motivamos nossas reações.”

É ainda papel do Estado a criação de instituições sociais e culturais capazes de promover o meio necessário para a criança elaborar o trauma. E, quando os que tomam as decisões sociais aceitarem dispor simplesmente em torno dos prejudicados alguns lugares de criações, de palavras e de aprendizagens sociais, será uma surpresa ver que um grande número de feridos conseguirá metamorfosear seu sofrimento para fazer dele uma obra humana, apesar de tudo (CYRULNIK, 2004, p.8).

Esses lugares de expressão seriam lugares onde as crianças pudessem encontrar um campo de afetação positiva. Nele haveria profissionais capacitados formando um meio que possibilite a elaboração positiva do trauma. Segundo Cyrulnik (2004):

Em seguida, depois do trauma, é preciso que o entorno lhe ofereça lugares de expressão. Então, será possível assistir a uma brusca explosão das capacidades intelectuais insuspeitadas que permitem ao sujeito realizar

super desempenhos, avaliar a situação com uma grande lucidez totalmente inconsciente e fazer exatamente o que é preciso para garantir a sobrevivência(p.150).

O autor também fala de um assunto pesado de forma muito poética e sutil numa linguagem acessível a todos que acreditam na potência do encontro. Que sua teoria não fique restrita aos livros e que possa servir luz no caminho de pessoas que acreditam no poder transformador do homem.

O trabalho de resiliência pode acontecer dentro de um ambiente que apresente todas as características ambientais tais como descrevemos, ou ele pode acontecer na esquina, no olhar carinhoso que é lançado para uma criança ferida. No olhar que reconhece a dor no outro e a respeita. O encontro humano tem a potência de destruir e criar, que façamos então dos nossos encontros espaços potentes de toque, acolhimento e respeito. Que ao olhar para o outro possamos encontrar não só crianças, ou adultos feridos, mas sim o humano e a vida que habitam em cada um dos seres.

REFERÊNCIAS

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 5 ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Cenário da infância e adolescência no Brasil** 2016. São Paulo: Abrinq, 2016. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/abrinq/cenario_brasil_abrinq_mar2016.pdf. Acesso em: 1 jul. 2017.

HYURI, Elias. Números da violência no Rio se assemelham aos de países em guerra. Realidades são muito diferentes, mas todos temem ser a próxima vítima. Jornal do Complexo do Alemão gravou o som dos tiros na favela. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 09 maio 2017, globo.com. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/05/numeros-da-violencia-no-rio-se-assemelham-aos-de-paises-em-guerra.html>. Acesso em: 10 jul. 2017.

MAIA, Marisa Schargel. **Extremos da alma**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MONTAGU, Ashley. **Tocar: O significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

UNICEF. **Situação mundial da infância 2016: resumo executivo**. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/SOWC2016_ResumoExecutivo.pdf. Acesso em: 01 jul. 2017.

ANEXO A –Carta do Professor

Seu dedo apertou o gatilho: o sonho acabou.

Hoje foi executada com três tiros, pela Polícia Militar, um na cabeça, um na nuca e outro nas costas, uma menina de 13 anos. Dentro da escola, em aula. Não é a primeira e não será a última. Morreu com black na cabeça, camisa e bermuda do uniforme da prefeitura do Rio de Janeiro, e um tênis rosa. Sem mochila ou celular, pois estava indo beber água. Jogava volei, ganhou por isso uma bolsa para ir para um colégio particular como aluna atleta, como diversos outros alunos do colégio conseguiram. Fruto de um trabalho maravilhoso dos professores de Educação Física, a menina começou a ter sonhos. O colégio foi o melhor da CRE, venceu jogos e campeonatos contra colégios particulares, trouxe 9 medalhas das 10 modalidades que participou no ano passado. Foi o destaque. Ela era da equipe. Mas, morreu.

Com ela morreu seus sonhos e a esperança de diversas outras crianças, que experimentaram hoje o ódio e o desejo de vingança pela covardia sofrida. Todo trabalho de 6 anos do colégio na comunidade, todo o trabalho de 3 anos da equipe de Educação Física e direção, toda credibilidade que tinham, morreram ali.

Eu saíria as 16h20m, estava com a turma de 6º Ano. Ouvi três tiros de pistola. Coloquei todos sentados e em silêncio, em local seguro. Ouvi mais rajadas de fuzil. Gritos. Controlando a turma, boatos vinham, diziam: 'menina baleada'. Disse a turma que iria averiguar e eles esperassem. Concordaram. Um funcionário, pai de aluna, que veio três vezes a turma para ver a filha e pedir que não saísse dali, estava no corredor. Perguntei a ele o que realmente havia acontecido, ele pegou no meu braço e disse: quer ver o que aconteceu? Olhe ali embaixo. Vi o corpo e a poça de sangue. Morta. Voltei a turma. Confirmei o boato. Vi ainda na quadra o professor de Educação Física com os outros alunos abrigados e abaixados. Na primeira pausa do tiroteio, que não acabou durante toda a tarde e noite, os alunos foram liberados para casa. Mas a troca de tiros não parou. Alunos, pais, familiares, curiosos, vizinhos e bandidos queriam ver o corpo, entrar na escola. Uma multidão que nunca vi ali, e sempre se renovava. Uma multidão.

Muita dor, revolta, desespero, ajuda... gás de pimenta, coquetel molotov, tiros, fogos, gritos...muitos gritos. Muita gente desesperada, muita gente desmaiando. O inferno. Fogo na rua, barricadas, ônibus e carros queimados. Tiros. Execução sumária. Revolta. Justa revolta. E nós, professores e funcionários, ali. Muito ódio. Justo ódio. E ela, morta.

Esta política de "combate às drogas", mata. Morre policial, morre traficante, morre inocente. Lucrando com ela, uma minoria de políticos e "empresários" da "boa sociedade", que fornecem armas e drogas para os dois lados. Vendem a ideia de que vivemos em uma "guerra", para atuarem livremente. Encontram eco nos discursos conservadores que dizem que "bandido bom é bandido morto", que "favelado é criminoso", que "direitos humanos só servem para proteger bandidos", que a "polícia deve ser justiceira contra bandidos"... Se você defende isso, parabéns!, seu desejo foi realizado: seu dedo ajudou a puxar o gatilho do fuzil que matou Maria. Ela virará estatística: mais uma preta, pobre e favelada que morreu. Junto com ela o humano deste ser. Nesta lógica do olho por olho, ficamos todos cegos.

O ódio classista, o ódio contra a favela, o ódio contra o pobre, voltará. A favela dará o retorno. A indiferença, o descaso, o descompromisso com ela, terá volta. Não terá controle. Não há paz sem justiça social. Não há sossego possível com esta omissão estrutural e esta política de extermínio. Ou mudamos tudo, ou nada mudará.

A família gritava: "a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro matou minha irmã "; "a favelada que estuda tá aqui morta, enquanto isso, aquela criminosa foi solta para cuidar do filho dela"; "Queria ver se fosse na Zona Sul, se isso aconteceria, se as pessoas seriam tratadas assim". O que dizer? Justo. Muito justo e lúcido.

Muitas coisas me doeram hoje: a menina que morreu; a dor de cada membro da família que chegava - cada grito de desespero era uma nova morte; o desespero e perplexidade dos alunos vendo o corpo, deitados no chão, e não sabendo o que fazer; a insensibilidade dos policiais militares que, nem ao lado do corpo da criança, pararam de rir, zombar e atizar a dor da população; o despreparo e, ao mesmo tempo, o amor e empatia dos professores e funcionários para lidar e ajudar na situação; a impotência diante desta estrutura asfixiante e imobilizante. Mas nada se comparou a dor sentida ao ler a mensagem que recebi do professor que mudou o colégio com sua nova forma de organizar a Educação Física, dando esperança a dezenas de alunos-atletas, que até então eram apenas "péssimos alunos" ou "projeto de marginais": "Obrigado, Júnior. Mas a minha pergunta é: do

que adiantou eu ajudar ela a sonhar?"